



CONHECIMENTO A SERVICO DA COMUNIDADE • EDICÃO Nº 13 • ISSN: 2595-0916 • 25/10/2020

PESQUISA ANALISA USO EXCESSIVO DE ANTIBIÓTICOS EM CIRURGIAS DE IMPLANTES DENTÁRIOS



INFOGRAFIA PODE AUXILIAR EM CASOS DE DIFICULDADES DE LEITURA NASCE UM NOVO DIA PARA O CURURU PAULISTA

• PÁG 06 •

EDITORIAL

Os caminhos da pesquisa são instigantes, como podemos constatar nesta edição, que traz três reportagens sobre temas totalmente diferentes entre si, mas que afetam o dia a dia de milhares de pessoas: a infografia, recurso visual muito utilizado no meio jornalístico, e seu potencial para auxiliar na assimilação de conteúdos complexos; a indicação frequente de antibióticos para os casos de cirurgias de implantes dentários, uma prática que esbarra no risco do uso indiscriminado desse tipo de medicamento; e um olhar sobre o cururu paulista. uma tradição da nossa região.

Outro ponto a se destacar é que esses temas nasceram de pesquisas científicas desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação da Uniso e que viraram reportagem, todos durante o período de quarentena, pelas mãos de estudantes de Jornalismo ligados à FOCS, Agência Experimental de Jornalismo da Uniso, coordenada pelos professores Evenize Batista e Guilherme Profeta.

Confiram o resultado. A todos, uma ótima leitura!

Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta Reitor

Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis

Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação

EXPEDIENTE

Uniso Ciência é uma publicação da Universidade de Sorocaba.

Reitoria: Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta (Reitor), Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol (Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis) e Prof. Dr. José Martins de Oliveira Júnior (Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação).

Coordenação: Assessoria de Comunicação Social (Assecoms) / Jornalista responsável: Mônica Cristina Ribeiro Gomes (MTB 27.877).

Equipe: FOCS, Agência Experimental de Jornalismo da Uniso (sob a orientação do prof. Me. Guilherme Profeta). com reportagens de Alexandre L. M. Monteiro, Caroline A. Manfre, Edilson F. Junior, Eduardo R. Lira, Gabriela S. Sena, Janayna P. Borba, Maiara Moreira, Matheus R. de Oliveira, Matheus S. Sakaguchi, Mattheus N. da Costa Ferreira da Silva, Nicolle Boscariol, Vinícius S. Rocha, Vivian G. Piloto, Daniele da Silva Coimbra (Diagramação), Paula Rafael Gonzalez Valelongo (Revisão).

Conselho Editorial: Prof. Me. Adilson Aparecido Spim, Profa. Dra. Denise Lemos Gomes, Prof. Me. Edgar Robles Tardelli, Profa. Ma. Mônica Cristina Ribeiro Gomes e Prof. Dr. Nobel Penteado de Freitas.

Informações: ciencia@uniso.br (15) 2101.7006/7081 | uniso.br

INFOGRAFIA PODE AUXILIAR

EM CASOS DE DIFICULDADES DE LEITURA



Sobre a mesa, exemplos de infográficos já publicados na revista internacional do projeto Uniso Ciência

REVISTA INTERNACIONAL

e você já deu uma olhada na REVISTA INTERNACIONAL do projeto Uniso Ciência (Science @ Uniso), é possível que tenha reparado em reportagens que, além das fotos e do texto escrito, incluem recursos visuais associados ao conteúdo tradicional em prosa. O nome disso é infográfico e, segundo a pesquisadora Aparecida Matilde Haddad, que investigou o uso desses elementos na mídia impressa de caráter jornalístico como parte de seu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), o recurso combina duas linguagens diferentes, que funcionam em relação de complementaridade.

"O infográfico se vale da palavra e da imagem", ela define. "Sua função é sintetizar dados, por meio de ilustrações, pictografias e outras modalidades de representação visual, para facilitar a compreensão de um assunto. Na infografia existe uma relação complementar entre a linguagem verbal e a visual; enquanto a primeira é mais analítica, permitindo a compreensão das partes, a segunda é mais sucinta, quiando o intérprete à compreensão por meio de um movimento que chega às partes partindo do conjunto."

Em sua pesquisa, Haddad aplicou a semiótica - o estudo da forma como os seres humanos atribuem significados aos signos durante o processo de comunicação -, para compreender os limites comunicativos da infografia, classificando os infográficos publicados num dos principais jornais do Brasil no ano de 2017. Os resultados podem ser conferidos em sua dissertação, acessível gratuitamente pelo QR code ao fim desta reportagem.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

O designer Luiz Iria, um dos maiores infografistas do Brasil, que atuou na Editora Abril de 1995 a 2013, concorda com a afirmação de Haddad: elaborar um infográfico envolve muito mais do que compor uma ilustração agradável aos olhos. "A forma de estruturação do infográfico vai depender da informação que eu quero passar", ele conta.





Siga o link (http://uniso.br/home/uniso-ciencia) pelo QR Code para acessar as edições já publicadas da revista internacional do projeto Uniso Ciência. Basta clicar em "Revista" e selecionar uma das edições, a partir de iunho/2018.



"Se eu vou explicar, por exemplo, o processo de fabricação de um carro, então meu infográfico vai seguir um formato de passo a passo. Mas, se eu quero falar sobre os animais da Amazônia, então eu posso compor uma imagem com todos os animais e o leitor escolhe por si mesmo por qual animal começar a sua leitura."

UM PASSO PARA A INCLUSÃO

Além de uma questão puramente estética, os infográficos têm um importante potencial no que diz respeito à cognição, podendo auxiliar no processo de assimilação de informações complexas (como Ciência e Tecnologia, por exemplo). Para a professora doutora Lilian de Fatima Zanoni Nogueira, docente do curso de Terapia Ocupacional e outros cursos de graduação na área da Saúde da Uniso, a utilização de recursos visuais — incluindo os infográficos - é de grande utilidade para o desenvolvimento de estudantes com algum tipo de deficiência cognitiva ou déficit de aprendizagem.

"A linguagem visual tem um processamento cerebral diferente, possibilitando uma aprendizagem mais direta. Pessoas com dislexia, disgrafia ou distúrbios de aprendizagem, por exemplo, possuem maior facilidade para detalhar verbalmente as informações que obtêm a partir de um infográfico do que aquelas obtidas por meio do texto corrido. E o mesmo vale para casos de discalculia ou outras dificuldades cognitivas relacionadas à matemática, situações em que infográficos estatísticos também têm se mostrado eficientes", Nogueira conclui.

Com base na dissertação "Alcances e limites comunicativos e cognitivos do infográfico: Estudo com o jornal Folha de

S. Paulo", do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação da professora doutora Maria Ogécia Drigo e aprovada em 28 de fevereiro de 2019. Acesse a pesquisa:



PESQUISA ANALISA USO EXCESSIVO DE ANTIBIÓTICOS EM CIRURGIAS DE IMPLANTES DENTÁRIOS

REPORTAGEM: Alexandre L. M. Monteiro, Edilson F. Junior, Janayna P. Borba, Matheus R. de Oliveira, Vinícius S. Rocha FOTO: Alexandre L. M. Monteiro

m terço da população brasileira acima de 18 anos faz uso de próteses dentárias. Desse grupo, uma parcela que compreende cerca de 16 milhões de indivíduos (ou 11% de toda a população maior de idade) não possui seguer um de seus dentes originais. Os dados, que evidenciam uma questão social bastante problemática, são da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013, conforme divulgação pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde.

A área de atuação que compreende as cirurgias de implantes orais é a implantodontia. De acordo com as normas para procedimentos dos Conselhos de Odontologia (Resolução CFO nº 63/2005), essa é uma especialidade voltada à implantação, na mandíbula e na maxila, "de materiais aloplásticos destinados a suportar próteses dentárias, que podem ser unitárias, parciais ou removíveis, e próteses totais". Essa é uma técnica que costuma ser bem-sucedida, devido principalmente a um fenômeno conhecido como, OSSEOINTEGRAÇÃO.

São muitas as razões que podem levar uma pessoa a perder seus dentes. No caso da professora aposentada Monica Gomes Martins Doná, 50, por exemplo, foi uma queda ainda durante a infância: "Quando eu era criança, caí e machuquei os dentes da frente. Desde então, tanto na adolescência quanto na vida adulta, eu sempre tive problemas nesses dentes. Fiz algumas cirurgias, pois ocorria a formação de pus na gengiva, até que o meu dentista resolveu fazer um implante, quando meus dentes já estavam muito comprometidos."

No caso de Doná, foi recomendado o uso do antibiótico amoxicilina 500mg um dia antes da cirurgia e por mais 10 dias após o procedimento. Além desse medicamento, também foi receitado o uso de analgésicos (somente em caso de dor) e de uma solução bucal à base de gluconato de



Uso de antibióticos sem real necessidade é prática recorrente em procedimentos odontológicos, aponta pesquisadora

PARA SABER MAIS: O QUE É OSSEOINTEGRAÇÃO?

Segundo histórico disponibilizado pela Associação Paulista de Cirurgiões-Dentistas (APCD), os primeiros registros de implantes dentários ocorridos na história da humanidade datam de mais de 5 mil anos atrás. Há registros de implantes sendo realizados no Egito e nas civilizações pré-colombianas há cerca de 3 mil anos, com materiais tão diversos como pedras preciosas, conchas, dentes falsos esculpidos em marfim ou dentes de animais de verdade. Contudo, o fenômeno conhecido como osseointegração — a união entre o osso e uma superfície de titânio — foi estudado somente no fim do século XX, quando o professor sueco Per-Ingvar Bränemark publicou seus estudos sobre a aplicação de implantes osseointegrados. No Brasil, a técnica vem sendo utilizada desde 1987. Desde a década de 90, ela é considerada uma especialidade pelo Conselho Federal de Odontologia (CFO).

clorhexidina a 0,12%, pelo mesmo período. Ainda que não seja uma prática protocolar, o uso da amoxicilina é bastante comum em procedimentos pré-operatórios de implantes orais, por diversas razões. Eventualmente, contudo, essa é uma prática questionada e criticada, já que o uso indiscriminado de antibióticos pode resultar em RESISTÊNCIA BACTERIANA, que é um grave problema de saúde pública.

"Essa discussão é muito importante, pois o uso indiscriminado de antibióticos, que gera bactérias resistentes, principalmente em ambiente hospitalar, faz com que os antibióticos não tenham mais efeito quando o uso se faz de fato necessário. O ideal é usar o antibiótico somente quando é realmente preciso. Esse é o X da questão", defende a pesquisadora Patrícia Spada Gimenez, que, em 2014, defendeu uma dissertação sobre o tema no Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade de Sorocaba (Uniso).

AVALIANDO AS REAIS NECESSIDADES

A pesquisa de Gimenez apresenta algumas condições em que o uso de antibióticos é indicado no caso de cirurgias odontológicas: quando não é possível realizar a cirurgia num local limpo e adequadamente higienizado: quando há várias intervenções cirúrgicas seguidas programadas; quando é enxertada grande quantidade de biomaterial; e guando há risco de endocardite infecciosa, mas apenas no caso de pacientes suscetíveis.

Para comprovar a real necessidade do uso desse tipo de medicamento, Gimenez conduziu um estudo clínico randomizado com 135 pacientes que estavam para passar por cirurgias de implantes orais, entre setembro de 2012 e fevereiro de 2013. A ideia era comparar a eficácia do procedimento seguido do uso de antibiótico (amoxicilina) e de anti-inflamatórios (dexametasona e nimesulida).

Os pacientes foram divididos em quatro grupos, que receberam diferentes conjuntos e concentrações dos medicamentos. Dois grupos passaram pelo procedimento apenas com o uso de anti-inflamatórios e os outros dois receberam ambos os medicamentos (anti-inflamatórios acrescidos de antibióticos). Além disso, todos foram acompanhados por sete dias após o procedimento, além de receberem um questionário para avaliar o nível de dor no pós-operatório.

PARA SABER MAIS: A RESISTÊNCIA BACTERIANA

surgimento de bactérias resistentes a antibióticos se dá pelo fenômeno da seleção natural: as bactérias estão se reproduzindo constantemente, gerando novas gerações de bactérias mais adaptadas a sobreviver num dado ambiente. Se considerarmos um ambiente com determinada quantidade de antibiótico seguida, aumentarmos concentração desse medicamento, muitas bactérias morrerão, mas aquelas que estiverem aptas continuarão sobreviver multiplicando, gerando uma nova geração de bactérias resistentes à nova concentração de antibióticos. Mais informações sobre o combate à resistência bacteriana podem ser conferidas na reportagem "Resistência Bacteriana: solução perpassa restrição de uso de antibióticos e educação", publicada na edição de número 3 (jun./2019) da revista Uniso Ciência.

Por meio do estudo, a pesquisadora concluiu que o uso de antibióticos se mostrou desnecessário. "Na verdade, o antibiótico é mais um conforto para o profissional que vai fazer a cirurgia, para poder deitar a cabeça no travesseiro sossegado sabendo que não haverá nenhuma complicação", ela diz. Vale lembrar, contudo, que essa afirmação só vale nos casos em que a cirurgia é controlada e quando é possível acompanhar o paciente depois dos procedimentos. Nem sempre isso é possível, por várias razões.

UMA QUESTÃO QUE TAMBÉM É SOCIAL

Apesar de todo o conhecimento dos profissionais sobre os problemas que o uso indiscriminado de antibióticos pode provocar na população, a situação envolve diferentes fatores sociais, como destaca o orientador do estudo, o professor doutor Fernando de Sá Del Fiol. "Há um conjunto de atores envolvidos nesse processo: a indústria farmacêutica, que faz uma propaganda macica em prol do uso de antibióticos; a população em geral, que vê nos antibióticos um sinônimo de saúde e exerce pressão sobre os médicos: os profissionais da saúde, que prescrevem os medicamentos", ele diz.

No caso desses profissionais, a prescrição pode ocorrer por excesso de zelo, considerando possíveis deficiências nos sistemas de saúde, que impossibilitam conduzir o acompanhamento regular de um paciente. "Se uma crianca passa hoje pelo posto de saúde, o médico pode pensar 'poxa, vamos aquardar até amanhã para ver como vai ser a evolução do quadro', só que amanhã os pais da criança podem não levá-la novamente, ou amanhã o médico pode não ter um novo plantão naquele posto de saúde... Então o que ele faz? Ele usa o antibiótico 'só para garantir'. Ou seja, nem sempre a situação é assim tão simples", ele relativiza,

Ainda assim, são pesquisas como a de Gimenez que, em última instância, ajudam a corroborar alternativas mais conscientes de prescrição, de modo a propor soluções para um problema que afeta o mundo todo - segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), estima-se que, anualmente, 700 mil mortes são decorrentes de infecções causadas por bactérias multirresistentes, como são chamadas aquelas que adquirem resistência a mais de um tipo de antibiótico. Assim, se o uso desses medicamentos puder ser evitado em intervenções comuns, como é o caso dos implantes dentários. garante-se uma major probabilidade de que eles venham a funcionar em procedimentos médicos mais graves.

Com base na dissertação "Atividade de amoxicilina, dexametasona

e nimesulida como agentes profiláticos em cirurgias de implantes orais", do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação do professor doutor Fernando de Sá Del Fiol e aprovada em 24 de junho de 2014. Acesse a pesquisa:



NASCE UM NOVO DIA PARA O CURURU PAULISTA



REPORTAGEM: Caroline A. Manfre, Eduardo B. Lira, Gabriela S. Sena, Matheus S. Sakaguchi, Mattheus N. da Costa Ferreira da Silva. Vivian G. Piloto

FOTOS: Luiz Rodrigues (arquivo pessoal)

, mais uma vez, a poeira sobe conforme passam os carros - tomando o lugar das carrocas - por uma estrada qualquer. não muito diferente daquela de Ouro Fino. Nos sítios e nas fazendas há sempre porteiras, mas já nem sempre um menino. Ao sinal do berrante, passa a boiada. O gado some à distância, mas o que fica é a memória: um recorte do dia a dia do homem do campo, eternizado por uma canção um tanto conhecida no interior de São Paulo, mas cuia verdadeira origem talvez muita gente desconheça. "O Menino da Porteira", clássico da música sertaneja da década de 50. nasceu num formato semelhante a um cururu.

Composto de versos improvisados trocados entre dois participantes e acompanhados pela viola caipira de 10 cordas, o chamado Desafio de Cururu é uma apresentação que acontece em palcos e bares, geralmente nas áreas rurais (ou mesmo nos centros urbanos) da região do Médio Tietê. É uma prática relacionada à Festa do Divino da Igreia Católica — celebração que acontece 50 dias após a Páscoa, relembrando a ocasião em que, segundo a Bíblia Cristã, os apóstolos de Cristo teriam recebido o Espírito Santo -, contexto em que o cururu era utilizado para fins de evangelização, transmitindo conteúdo bíblico por meio da oralidade.

Hoje em dia, o cururu é uma manifestação cultural marginalizada, que está fora das mídias tradicionais, não tem perspectiva de renovação de seus praticantes (muitos em idade já avançada) e não conta com incentivos públicos. Essa é uma questão que torna ainda mais emergente a pesquisa realizada pelo atual coordenador do Laboratório de Comunicação da Universidade de Sorocaba (Uniso), Luiz Carlos Rodrigues, defendida em seu mestrado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade. Por meio do estudo, Rodrigues procurou entender como se dá a continuidade dessa manifestação cultural típica da região e como ela se insere (ou não) na grande mídia.

Para conduzir seu estudo, Rodrigues aplicou uma metodologia participativa conhecida como sistematização das experiências vividas, de Oscar Jara Holliday, por meio da qual entrecruzou as informações colhidas diretamente dos praticantes do cururu às suas referências teóricas, unindo dois tipos distintos de conhecimentos: os tradicionais e os acadêmicos. "Para Holliday, a pesquisa prática e a teórica se misturam para modificar a teoria. E a prática modifica, também, a própria metodologia", resume o pesquisador.

Durante o estudo, o autor visitou eventos no Clube Barcelona, em Sorocaba, onde acontecia mensalmente o tradicional Desafio do Cururu. Lá. realizou um levantamento do "perfil cururueiro" de Sorocaba, por meio de uma enquete preenchida a partir de entrevistas com os presentes.

O autor confirmou algo que ele já esperava quanto ao perfil dos entrevistados: tanto os cantores quanto o público, PRINCIPALMENTE HOMENS, têm idades variando entre 50 e 80 anos, o que é algo preocupante para o destino da tradição, já que. segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016, a média de vida do brasileiro é de 75.5 anos. Considerando-se o perfil etário dos participantes e incentivadores, bem como a falta de renovação desse público, pode-se inferir que a tradição cururu está morrendo.

PESQUISA COMO RESISTÊNCIA

Rodrigues defende a importância de se registrar uma manifestação cultural que é baseada principalmente na oralidade, destacando as diversas dificuldades que se impõem para a continuidade da prática, como a falta de espaços físicos para condução das atividades e a omissão do poder público quanto ao incentivo à tradição.

Ao apontar essas lacunas, a pesquisa motivou o diálogo com a Câmara Municipal de Sorocaba, que levou posteriormente à criação de um projeto de lei que, em janeiro de 2018, instituiu o Dia do Cururu, celebrado em 19 de julho. "Isso não significa apoio eminente do poder público, por não ser uma política pública, mas sim uma ação de cada governo. Ainda assim, a lei valida o investimento e representa um exemplo de pesquisa acadêmica que saiu dos limites **PARA SABER MAIS: RITMO MACHO? INFELIZMENTE.** SIM, SENHOR...

Durante a pesquisa, a diferenca percebida entre os gêneros dentro do cururu chamou a atenção Rodrigues, o que acabou ampliando o foco previamente definido para o estudo. "Sentimos a falta de mulheres, fosse cantando ou mesmo sendo mencionadas nas músicas", conta o pesquisador. Nesse ambiente, a maioria do público era masculina (62,5% dos 72 entrevistados), uma constatação que abriu espaço para a hipótese de que a tradição patriarcal da sociedade teve influência histórica sobre o cururu, apagando a figura feminina. Rodrigues conta que, por muito tempo, no contexto religioso, esse foi um "dom" negado às mulheres. Isso não significa, contudo, que não haja exceções à regra, como é o caso de Ana Sueli Gardiano, 70, mais conhecida como Nhá Bentinha. Contudo, ela já deixou de participar dos duelos, justamente por ter sofrido agressões verbais por parte de membros masculinos da comunidade durante suas apresentações.









Registros pessoais do pesquisador Luiz Carlos Rodrigues durante coleta de dados em campo, no Clube Barcelona, em Sorocaba

da universidade, atravessando os muros e atingindo a população verdadeiramente!", celebra Rodrigues.

Como parte do Calendário Oficial de Eventos do Município de Sorocaba, a data potencializa a organização de apresentações públicas e exposições, contribuindo direta e efetivamente para a manutenção da prática como registro da

identidade regional. Além disso, não demorou para que outros municípios da Região, motivados pela oficialização em Sorocaba, seguissem pelo mesmo caminho, com seus próprios projetos de lei. Em Porto Feliz, Tatuí e Boituva, por exemplo, o Dia do Desafio de Cururu também passou a constar nos calendários oficiais.

Com base na dissertação "Folkcomunicação e o Desafio do Cururu do Médio Tietê", do Programa de Pós-Graduação

em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso), com orientação do professor doutor Paulo Celso da Silva e aprovada em 13 de março de 2019. Acesse a pesquisa:

